

MARCOS DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE JOVENS PORTUGUESES

Isabel Barca

Universidade do Minho
Portugal

Resumo

O conceito de consciência histórica, discutido filosoficamente por Jörn Rüsen, relaciona-se com a necessidade de orientação temporal do ser humano e distingue-se de uma simples resposta de senso comum às exigências práticas baseadas exclusivamente em sentimentos de identidade. Com base nesta conceptualização, procurou-se explorar as ideias de alunos portugueses a frequentar o 10º ano de escolaridade, com e sem a disciplina de História, sobre o passado contemporâneo nacional e mundial. Em seis escolas do país, duas no Norte, duas no Centro e duas no Sul, os jovens foram desafiados a produzir uma narrativa sobre a história nacional e outra sobre a história mundial nos últimos cem anos. Na análise dos dados identificaram-se quer ideias substantivas (marcadores históricos, marcos e protagonistas, mensagens nucleares), quer ideias de segunda ordem (estrutura narrativa e conceitos de mudança). Os resultados sugerem que estes alunos portugueses conhecem alguns marcos e situações relevantes da história portuguesa contemporânea, atribuindo-lhes valores consentâneos com critérios próprios de uma sociedade democrática. Contudo, a sua compreensão da História global revela-se mais restrita, bem como o reconhecimento de protagonistas que se destacam na História pela positiva.

Palavras-Chave: Consciência histórica; Cognição histórica; Ideias de alunos; Narrativas históricas.

Abstract

The concept of historical consciousness philosophically discussed by Jörn Rüsen is related with the need of temporal orientation of the human being and must be distinguished from a mere common-sense answer to practical demands exclusively based on feelings of identity. According to such a conceptualisation, the ideas of Portuguese 10th graders about the contemporary national and global past were explored. Youngsters attending and not attending history classes in six schools, two of them located in the North, two in the Center, and two in the South were challenged to write an account about the national history and another one about the world history in the last 100 years. Through data analysis substantive ideas (historical markers, milestones and characters, master narratives) as well as second order ideas (narrative structure and concepts of change) were identified. Results suggest that those Portuguese students know some of the relevant milestones and markers of the contemporary national history, attributing democratic values to them. Nonetheless, their understanding of the global history as well as the recognition of characters who might have positively contributed to history appears to be more restricted.

Keywords: Historical consciousness; Historical cognition; Students' Ideas; Historical accounts.

Em torno da ideia de Consciência Histórica

O conceito de consciência histórica, em debate no âmbito da filosofia analítica da História, constitui actualmente um dos objectos centrais de pesquisa no campo da educação histórica, com a intenção de reunir dados empíricos que possibilitem um melhor entendimento das ideias dos jovens acerca dos *usos* da História no seu quotidiano.

Os contributos de Rüsen (2001), Lee (2002) e Seixas (2004) para a discussão epistemológica sobre as relações da História com as tomadas de decisão na vida quotidiana têm permitido identificar algumas âncoras de análise da consciência histórica de jovens e professores de História. Assim, entende-se a consciência histórica como uma atitude de orientação de cada pessoa no seu tempo, sustentada reflectidamente pelo conhecimento da História. Distingue-se de uma simples resposta de senso comum às exigências práticas dessa mesma orientação temporal, baseada exclusivamente em sentimentos de pertença - de identidade local, nacional, profissional ou outra.

A distinção entre consciência histórica e um certo sentido de identidade social revela-se complexa, a avaliar pelos próprios estudos existentes sobre narrativas dos jovens acerca do passado, e que geralmente se centram exclusivamente em questões de identidade nacional. A distinção e relações entre esses dois conceitos – consciência histórica e identidade - merece uma discussão aí focalizada. A matriz das relações entre a consciência histórica e os conhecimentos de senso comum discutida por Rüsen (ibid.) dá-nos pistas para o aprofundamento dessa reflexão. Sentimentos de pertença e identidade social (local, regional, nacional e outras) constroem-se naturalmente no decurso das diversas vivências quotidianas. Para tal concorrem o meio familiar e cultural, os média, a escola. Mas é sobretudo na escola que a identidade social é aprofundada e (re)orientada através da apropriação que cada um faz da aprendizagem sistemática da História. Mas o que acontece afinal na aula de História para dar resposta a esta necessidade de orientação temporal ? Será ela:

- Inculcadora de valores inquestionáveis sobre o passado e o presente?
- Neutral, distanciada dos valores que permeiam as acções humanas?
- Relativista, aceitando sem questionar os valores de cada cultura, de cada um?
- Problematizadora dos valores inerentes às acções humanas quer do passado quer do presente?

E que valores, implícitos ou explícitos, são veiculados nas diferentes posturas – mesmo na de suposto ‘distanciamento científico’? Inscrevem-se eses valores numa visão local, nacional, ocidental ou global? Uma aula de História que contribua para a mobilização de identidades na construção de uma consciência histórica adequada às complexidades da sociedade neste início de século, e no contexto de uma sociedade que se deseja aberta e dialogante, tem de reflectir opções conscientes nas áreas atrás identificadas. Uma

consciência histórica para este tempo exigirá uma ideia dinâmica da História, assente não só na construção narrativa (não fragmentada) do passado como também na interpretação criteriosa de uma multiplicidade de fontes.

Ter ‘consciência histórica’ não implica a adopção, por todos, de uma única narrativa substantiva. As abordagens teóricas, fruto de diversas perspectivas, estão abertas a discussão, tal como as produções históricas concretas permanecem sujeitas a disconfirmação. É a argumentação racional e o respeito pela evidência que ajudarão a decidir entre respostas mais ou menos válidas às questões sobre o passado tal como às questões sobre o presente e, eventualmente, à construção de cenários sobre o futuro.

Partindo destes pressupostos, considera-se que ‘ter consciência histórica’ avançada implica adquirir um certo sentido do que é a História como disciplina académica, dominar determinadas competências historiográficas, construir *uma narrativa* consistente (não *a narrativa*) da condição humana (e não apenas do seu país) e reflectir (e agir, intervir?) em consonância com o esquema mental que cada um vai dinamicamente formando.

Investigação sobre a Consciência Histórica dos Jovens

No contexto do quadro teórico atrás problematizado, têm emergido algumas investigações intensivas sobre consciência histórica dos jovens. Assim, vários autores procuram explorar os sentidos das mensagens nucleares (*master narratives*) que os jovens apresentam, sobretudo acerca dos seus países: Seixas & Clark (2004), Letourneau & Moisan (2004), no Canadá; Wertsch (2004), na Rússia; Barton & McCully (2005) na Irlanda do Norte; Waldron & Pike (2005) na República da Irlanda. As meta-narrativas destes jovens de cerca de 15 anos apontam para a persistência de determinados tipos de identidade nacional, a despeito de críticas de senso comum anunciarem a perda de tal identidade.

Os pressupostos destas pesquisas integram a hipótese da existência de vozes diversificadas e, por conseguinte, vários modelos mentais de consciência histórica no seio académico, não excluindo, naturalmente, as influências extra-escolares, feitas de uma teia complexa de interacções, reais e virtuais, nas vivências de cada jovem. E reconhece sobretudo, em coerência com os princípios de construtivismo social, a permanente reelaboração cognitiva e atitudinal, por parte de cada sujeito, confrontado com necessidades do quotidiano e de sentimentos de pertença, o que poderá reforçar, paradoxalmente, a influência na mentalidade dos jovens. Angvik & Borries (1997), por exemplo, reconheceram que as ideias manifestadas pelos jovens de 15 anos em diversos países europeus acerca do passado, presente e futuro são o espelho da mentalidade dos respectivos povos: se os jovens de países mais industrializados se mostram mais críticos face ao passado, os de países com economias mais tradicionais assumem uma postura de maior aceitação e até de entusiasmo face ao estudo da História. Saliente-se, porém, que este entusiasmo não é acompanhado por um melhor desempenho nas tarefas de compreensão histórica (in Kokkinos & Nakou, 2004).

Entre os trabalhos sobre consciência histórica dos jovens, destacam-se os que assentam a pesquisa na preocupação explícita de ancorar o conhecimento de uma história substantiva em ideias de segunda ordem que permitam ‘usar’ esse conhecimento para uma análise crítica do mundo (por oposição a um conhecimento inerte), como é o caso de P. Lee (2002), K. Barton (2001) e P. Seixas (2004). E, nas questões relacionadas com a necessária destriça a fazer entre consciência histórica e identidade nacional, é de salientar o trabalho de P. Lee pelo enfoque na exploração das narrativas que os jovens constroem sobre a história humana, global, e não apenas sobre a história do seu país. Este trabalho sairá reforçado com o actual Projecto *Usable Historical Pasts* coordenado por R. Ashby, S. Foster e P. Lee, no Reino Unido.

Em Portugal, no Projecto *Consciência histórica – teoria e práticas* procura-se não só conjugar o levantamento de ideias substantivas e de segunda ordem em História, como focalizar os estudos na exploração de vários sentidos identitários, numa perspectiva relacional, inclusiva, que integra o conhecimento de nós próprios e de outros povos e culturas, à escala global.

Com base nestas reflexões de carácter epistemológico, que questionam não só a ‘utilidade’ do saber histórico em geral como a importância da História no currículo formal dos jovens, lançámos a seguinte problemática de investigação:

Quais os sentidos de narrativas sobre o passado produzidas por jovens portugueses após a sua escolaridade obrigatória de nove anos?

Dentro desta problemática procurou-se compreender, com base na análise de produções dos jovens, ideias sobre o passado contemporâneo quer substantivas (tipos de marcadores históricos seleccionados, marcos e protagonistas identificados, mensagens nucleares), quer de segunda ordem (nível de estruturação narrativa e conceitos de mudança).

Metodologia do estudo

Desenho do estudo

Para se buscar uma compreensão consistente da problemática colocada, desenvolveu-se um estudo empírico, de natureza qualitativa, seguindo o método indutivo da *Grounded Theory*, uma das abordagens metodológicas frequentemente utilizadas na pesquisa em Educação Histórica.

Questões de investigação

No sentido de operacionalizar a pesquisa em torno da problemática enunciada,

procurou-se responder, entre outras, às seguintes questões:

1. Quais os marcos da história nacional e mundial contemporânea que os jovens seleccionam?
2. Quais os marcadores temporais a que dão relevância e qual a sua natureza?
3. Que protagonistas identificam e que valores lhes associam?
4. Que mensagens nucleares emergem das produções dos jovens acerca da história nacional e mundial contemporânea?
5. Que sentidos dão à mudança ?

População e Participantes no Estudo

A população-alvo deste estudo era constituída por alunos a iniciar o 10º ano de escolaridade no sistema educativo português (1º ano do ensino secundário, que perfaz três anos no total, e que se segue a um período de escolaridade básica de nove anos).

Como amostra participante, foram seleccionados 140 alunos de seis turmas de escolas no norte (2 turmas), centro (2 turmas) e sul (2 turmas) de Portugal. A amostragem seguiu o critério de disponibilidade manifestada por professores de História a leccionar nessas três regiões do país. Três dessas turmas (uma no norte, outra no centro e outra no sul) eram de alunos que frequentavam aulas de História, e as outras três eram de alunos que escolheram áreas de estudo sem frequência de História. Como a disciplina de História é obrigatória para todos os alunos até ao final do ensino básico, com programa único do 5º ao 9º ano de escolaridade, todos os alunos no 10º ano possuem o mesmo tipo de frequência anterior na disciplina de História.

Instrumentos e Procedimentos

Aos alunos participantes, em cada turma, foi proposta a realização de duas tarefas individuais, escritas. A formulação das mesmas assumiu um formato muito simples, de resposta aberta, apelando propositadamente a uma situação que estimulasse o imaginário dos adolescentes portugueses, de forma a obter a adesão à produção das suas ‘narrativas’:

Quadro 1: Tarefas propostas aos jovens portugueses

Tarefa 1
Imagina que estás num campo de férias onde se encontram jovens de todo o Mundo. Um dia foram desafiados para cada um contar a história do seu país. Como lhes contarías a História de Portugal nos últimos cem anos?

Tarefa 2

Depois de ouvirem contar a história de vários países, os jovens acharam que seria interessante ouvir como cada um contava a história do mundo. Como lhes contarias a história da Terra nos últimos cem anos?

A aplicação das tarefas em cada turma decorreu durante uma aula de 90 minutos, em situação previamente negociada com o respectivo professor. Cada tarefa demorou cerca de 30 minutos.

Metodologia da análise de dados

Na fase inicial da análise dos dados, de carácter indutivo, gerou-se um conjunto de construtos enquanto indicadores para as questões de investigação. Neste processo, integraram-se contributos de estudos como os de Wertsch e de Barton ((*ibid.*)). Entre os construtos que emergiram das produções dos alunos, os que aqui se analisam são os seguintes:

1. Marcos históricos (entendidos como acontecimentos de ruptura) na história nacional e mundial contemporânea
2. Marcadores temporais (políticos, sociais, económicos, culturais...)
3. Protagonistas da História e valores associados
4. Mensagens nucleares sobre o país e o mundo contemporâneo
5. Sentidos da mudança em História

Sentidos da história contemporânea: perspectivas de alunos

De acordo com as questões de investigação lançadas, as produções dos jovens foram analisadas em torno dos construtos atrás enunciados. Um outro construto, nível de estrutura narrativa, já discutido em outros trabalhos (Barca & Magalhães, 2004; Barca, 2006, 2007; Magalhães, 2007) foi também considerado de importância central para a compreensão das relações de identidade e de consciência histórica nos jovens portugueses que integraram a amostra do estudo.

Marcos Históricos

Em relação à História portuguesa contemporânea, as produções da maioria dos jovens do 10º ano situaram-se no nível designado por narrativa emergente, respeitando uma cronologia básica centrada em dois momentos chave no país: a ditadura salazarista e o

período iniciado com o 25 de Abril de 1974. A referência a estes marcos foi generalizada, mesmo nas produções que apresentaram uma lista cronológica ou acronológica de eventos.

Algumas produções que assumiram uma forma narrativa completa iniciaram o relato com eventos de ruptura ocorridas no início do século XX, como a queda da Monarquia e a instauração da República, seguidos da referência à ditadura, à neutralidade de Portugal na segunda Guerra Mundial e à eclosão da Guerra Colonial, apresentando depois o *volte face* do 25 de Abril, acompanhado eventualmente de outros eventos associados tais como a independência das colónias, e terminando com o marco da adesão à União Europeia e eventuais alusões à crise económica actual.

Quanto às 'narrativas' do mundo contemporâneo apresentadas pelos mesmos jovens, constatou-se que elas assumiram geralmente uma estrutura menos elaborada do que as narrativas da História nacional - foram frequentes os comentários genéricos, de senso comum, sobre o 'estado' do mundo, bem como listas de eventos sem respeito por uma cronologia. Surgiram algumas narrativas emergentes, com referências à primeira e à segunda Guerra Mundial, saltando depois para acontecimentos recentes veiculados pela comunicação social, tais como o ataque terrorista às Torres Gémeas e a Guerra do Iraque. O quadro 2 resume os principais marcos históricos da história nacional e global contemporânea apresentados pelos jovens.

Quadro 2: Principais marcos históricos dos últimos cem anos, segundo jovens portugueses

MARCOS HISTÓRICOS	
HISTÓRIA NACIONAL	HISTÓRIA GLOBAL
Final da Monarquia Instauração da República Instauração da ditadura com Salazar Guerra Colonial O 25 de Abril de 1974 Adesão à União Europeia	I Guerra Mundial II Guerra Mundial Ataque às Torres Gémeas Guerra do Iraque Tsunami

Como sugere o Quadro 2, a maior parte dos marcos da história portuguesa identificados pelos alunos centraram-se em eventos de ruptura política. A referência à ditadura de Salazar e ao 25 de Abril foi generalizada. No caso das produções narrativas (completas ou emergentes), os marcos interligavam-se por situações que constituíam causas ou consequências dos mesmos. Também estes marcadores históricos que caracterizam conjunturas focalizavam geralmente uma dimensão político-social: democracia e liberdade, luta por melhores condições de vida associadas à República e ao 25 de Abril; e, por

oposição, falta de liberdades e de igualdade associadas ao final da Monarquia e à ditadura. O contraste entre a ditadura e o pós 25 de Abril, em particular, foi realçado por quase todos os alunos: censura, polícia política, perseguições, guerra colonial, emigração, por exemplo, foram situações frequentemente mencionadas em relação ao primeiro destes dois períodos; a restauração/instauração da democracia, liberdade de expressão, descolonização, princípio de igualdade (direito de voto para as mulheres), melhoria das condições sociais, constituíram características apresentadas para o período pós-25 de Abril. As questões económicas foram pontualmente afluídas, ligando-se pela positiva à entrada na União Europeia e pela negativa ao momento presente e com sinais ambivalentes (mas de tendência geralmente negativa) face ao período de Salazar (que parece estender-se, no imaginário dos jovens, até 1974). A dimensão desportiva (futebol) foi também destacada em algumas produções mas a cultural foi raramente enunciada. A dimensão tecnológica manteve-se ausente.

No caso da história mundial, os marcos históricos incidem numa dimensão militar – as duas guerras mundiais e os grandes conflitos actuais – além da referência a cataclismos naturais também da actualidade. Nas narrativas (emergentes) que os jovens produziram, o enfoque nas guerras e cataclismos associa-se à ideia de um mundo violento, inseguro, mas com frequência também equilibrado com a evolução científica e tecnológica, sobretudo na medicina e nas comunicações.

Protagonistas : só vilões e vítimas?

Quer nas narrativas quer nas listas factuais apresentadas pelos jovens poucas personagens apareceram. A História é feita de rupturas e de situações quase sempre sem rosto individual.

Surgem personagens colectivos – no caso da história portuguesa, é geralmente o povo, mas também o MFA, a Pide. Dos fins da Monarquia à instauração da República e depois da Ditadura, do 25 de Abril à União Europeia e até ao presente (2005), são poucos os protagonistas individuais. Apenas uma personagem é referida quase pela totalidade dos alunos: o ditador Salazar, sobretudo como ‘vilão’, causador de sofrimento infligido ao povo. Além de Salazar, alguns outros são mencionados, os mais recuados no tempo geralmente na pele de vítimas (D. Carlos, D. Manuel II), mas também como iniciadores da república (Manuel de Arriaga, Teófilo Braga); e, no caso dos mais recentes, como nomes mediáticos do futebol (Figo, Eusébio), da política (Jorge Sampaio, Mário Soares), da cultura (Saramago).

Em relação à História mundial, a incidência em ‘vilões’ e vítimas repete-se, aparecendo algumas personagens, umas conhecidas da História outras dos *media*. São referidos ditadores como Hitler e Saddam Hussein, ou ainda Bin Laden, e vítimas de assassinato (ou tentativa do mesmo) como o arquiduque Francisco Fernando da Áustria ou o Papa João Paulo II. E, do futebol, é referido (embora com reduzida frequência) Maradona, que embora herói é apanhado pela droga...

O Quadro 3 apresenta uma listagem das personagens mais frequentemente referidas

pelos jovens.

Quadro 3: Personagens dos últimos cem anos, segundo jovens portugueses

PERSONAGENS	
HISTÓRIA NACIONAL	HISTÓRIA GLOBAL
SALAZAR (ditador) D. CARLOS I (penúltimo rei, assassinado) JORGE SAMPAIO (P. República) D. MANUEL II (último rei) M. ARRIAGA, T. BRAGA (1 ^{os} P. Rep.) SARAMAGO (Nobel de literatura) FIGO, EUSÉBIO (jogadores de futebol)	HITLER BIN LADEN ARQUIDUQUE F. FERNANDO SADDAM HUSSEIN PAPA JOÃO PAULO II MARADONA

Mensagem nuclear e sentidos de mudança em História

Seguindo a proposta de Wertsch (2004), para lá do nível de elaboração e da ‘completude’ das narrativas, nos relatos históricos existe uma mensagem central que tende a atravessar gerações e se plasma numa identidade comum. Procurando analisar os dados nesta perspectiva, os jovens portugueses pareceram apresentar-nos em relação à história contemporânea, tendencialmente, a seguinte mensagem nuclear:

Aqui, em Portugal, temos liberdade (mas também uma crise económica); lá fora, pelo Mundo, há avanço tecnológico (e científico) mas também guerras e terrorismo.

Com efeito, os jovens deram-nos da História à escala nacional uma narrativa de progresso social e político: a conquista da liberdade (1974) após o período da ditadura, embora referindo, por vezes, a coexistência actual de democracia e crise económica. A mudança no país é concebida em sentido crescente, com carácter de progresso linear (quando apenas os aspectos positivos são apontados), segundo uns, ou equilibrando-se com aspectos positivos e negativos, segundo outros. Essa mudança constitui-se sobretudo como resultado de marcos de carácter sócio-político (apresentados no Quadro 2).

Da História à escala global, os jovens dão-nos uma visão menos optimista: os últimos cem anos são relatados com um conjunto de guerras e ataques terroristas, por vezes referidos em simultâneo com progresso científico e tecnológico. A mudança no Mundo é, assim, vista em sentido negativo, nuns casos de forma linear, noutros de forma mais equilibrada, quando aspectos negativos são contra-balançados por outros de sinal positivo. Na globalidade, as mudanças tendem a ser vistas como o resultado de acontecimentos

político-militares e situações socioculturais mais duradouras.

Algumas reflexões sobre os resultados

As tendências encontradas nas produções dos jovens portugueses poderão lançar hipóteses de problematização da função social que a disciplina de História está a veicular:

1. Apesar de os programas da disciplina de História nos últimos anos de escolaridade básica (7º, 8º e 9º anos) se reportarem ao Mundo contemporâneo, parece que no final deste ciclo de ensino é a História do país que permanece mais nítida no pensamento juvenil. A identidade nacional surge delineada numa narrativa com contornos estruturados, enquanto que a História do mundo aparece mais fragmentada, comprometendo uma perspectiva de desenvolvimento da identidade 'planetária', que será desejável também promover. Quais os factores a destacar para estes resultados? Serão os programas, serão os professores, serão as próprias vivências múltiplas dos alunos que reforçam uma consciência histórica centrada na afirmação do país? Futuras investigações deverão explorar hipóteses de resposta a estas perguntas. Realce-se que os estudos existentes em vários países, pelo seu enfoque exclusivo ou na História nacional ou na História mundial, não fornecem pistas para tais explicações.
2. Os marcos e as conjunturas (estas aqui designadas marcadores) enfatizam dimensões de carácter político e social, no país, e de carácter militar e científico-tecnológico, no mundo. Estas várias dimensões, importantes na formação de uma consciência histórica inclusiva, poderiam ser problematizadas nos dois planos, nacional e global: uma reflexão comparada sobre a evolução da ciência e da tecnologia, bem como sobre as mudanças político-sociais, económicas e culturais constituir-se-ia como contributo para uma sociedade preocupada com o desenvolvimento sustentado.
3. A reduzida ocorrência de personagens individuais, e mais reduzida ainda quando se trata de reconhecer os homens e as mulheres que têm ganho visibilidade pela positiva, denota uma História de pendor estrutural, a necessitar de reflexão assumida. Será desejável que a História apareça quase só salpicada de 'vilões' e vítimas, quase sem rostos 'simpáticos' excepto enquanto entidades colectivas?
4. A principal mensagem nuclear, no plano das narrativas nacionais, é uma história optimista, de conquista de liberdades, a exemplo das histórias narradas por jovens americanos e russos (Barton, Wertsch, 2004), e em oposição ao lamento dos jovens do Quebeque (Letourneau, 2004). Mas esta conquista das liberdades no país tem a particularidade de se apresentar como fruto da instauração da democracia contra a ditadura, e não contra inimigos externos.
5. Os sentidos de mudança, tendencialmente progressivos para a História do país, e negativos para a História do mundo, nem sempre se apresentam lineares – aspectos positivos e negativos são ponderados. Isto indicia um conceito de mudança já detectado

no estudo de Machado (2006), mais elaborado do que o subjacente a uma visão simplista de progresso constatada, por exemplo, entre jovens americanos (Barton, 2001). Barton encontrou nos jovens irlandeses ideias de mudança mais sofisticadas do que nos jovens americanos porque integravam elementos de simultaneidade. Este resultado sobre as ideias de jovens irlandeses poderá aplicar-se aos jovens participantes portugueses neste estudo quando reconhecem a existência simultânea de aspectos positivos e negativos – ou de aspectos que para uns são positivos enquanto para outros são negativos.

Como breve conclusão, será de acentuar que os resultados sugerem que os alunos portugueses conhecem alguns marcos e situações da história portuguesa contemporânea, atribuindo-lhes valores consentâneos com critérios próprios de uma sociedade democrática. Resta promover a consciência da necessidade de problematizar as situações históricas, de reforçar a sua compreensão da História global e, talvez, do papel positivo de homens e mulheres concretas, enquanto sujeitos que vivem em interação, mesmo que apenas implícita, com seres e contextos de todo o mundo.

Notas

¹ Estudo implementado no âmbito do Projecto ‘Consciência histórica: Teoria e Práticas’, aprovado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e pelo POCTI, participado pelo fundo comunitário europeu FEDER.

Referências

- ANGVIK, M. & BORRIES, B. (1997). *Youth and History: A Comparative European Survey on Historical Consciousness and Political Attitudes among Adolescents*, (Vols A and B). Hamburg: Korber Foundation.
- BARCA, Isabel (2006). A construção de narrativas históricas: perspectivas de consciência histórica dos jovens portugueses. Actas do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de História. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- BARCA, Isabel (2006). History Teaching: a view from Portugal. In KOKKINOS, G. & NAKOU, I. (orgs), *Approaching History Education in the Beginning of the 21st Century* [versão em língua grega]. Athens: Metaixmio, pp. 161-186.
- BARCA, Isabel (2007, no prelo) Consciência Histórica: Teoria e Práticas: as mensagens nucleares das narrativas dos jovens portugueses. *Revista de Estudos Curriculares*. Braga: APEC.
- BARCA, Isabel & MAGALHÃES, Olga (2004). O Passado e o Presente: um estudo no âmbito do Projecto Consciência Histórica - Teoria e Práticas. *O Estudo da História - Os Tempos da Europa*, nº 5, pp. 66-75.
- BARTON, Keith (2001). Ideias das crianças acerca da mudança através dos tempos: resultados de investigação nos Estados Unidos e na Irlanda do Norte. In BARCA, I. (org). *Perspectivas em educação histórica* (pp.55-68). Braga: CIED, Universidade do Minho.
- BARTON, K & McCULLY, A. (2005). Secondary Students’ perspectives on School and Community in

- Northern Ireland. Comunicação apresentada no *Annual Meeting of the American Educational Research Association*. Montreal.
- LEE, Peter (2002). 'Walking backwards into Tomorrow': *Historical Consciousness and Understanding History*. [referência online < <http://www.cshc.ubc.ca>>, 26-05-2004]
- LETOURNEAU, J. & MOISAN, S. (2004). Young people's assimilation of a collective historical memory: A case study of Quebecers of french-canadian heritage. In Seixas, P. (Ed). *Theorizing Historical Consciousness* (pp. 109-128). Toronto: Toronto University Press.
- MACHADO, Elvira (2006). *Mudança em História: concepções de alunos do 7º ano de escolaridade*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Minho.
- MAGALHÃES, Olga (2007, no prelo). Entre Passado e Presente: Perspectivas de alunos portugueses. In *Perspectivas de Investigação em Educação Histórica - Actas das VI Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná/Positivo.
- RÜSEN, Jörn (2001). *Razão histórica. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora UnB.
- SEIXAS, Peter (Ed.) (2004). *Theorizing Historical Consciousness*. Vancouver: University of Toronto Press.
- SEIXAS, P. & CLARK, P. (2004). *Murals as Monuments: Students' Ideas about Depictions of Civilization in British Columbia*. [Online reference, see <<http://www.journals.uchicago.edu>>, referred 26th May, 2004].
- WALDRON, F. & PIKE, S. (2005). Children's construction of National Identity: What does it mean to be Irish? Comunicação apresentada no *Annual Meeting of the American Educational Research Association*. Montreal.
- WERTSCH, James (2004). Specific Narratives and Schematic Narrative Templates. In Seixas, P. (ed.), *Theorizing Historical Consciousness* (pp. 49-62). Vancouver: University of Toronto Press.

Correspondência

Isabel Barca, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
E-mail: isabar@iep.uminho.pt

Texto publicado em *Currículo sem Fronteiras* com autorização da autora.
